

**Continuidade subcultural, *Girls Rock Camp* gaúcho e memória:
um estado da arte inicial para refletir as mulheres na música¹**

***Subcultural Continuity, Girls Rock Camp Gaúcho and Memory:
An Initial State of the Art to Reflect Women in Music***

Gabriela Cleveston GELAIN²

Resumo

O artigo traz uma pesquisa exploratória e um mapeamento dos coletivos de mulheres envolvidas com música em Porto Alegre. Como o encontro do *Girls Rock Camp* (GRC) de Porto Alegre estimula as cenas (musicais e femininas) locais? Realizamos um mapeamento ao longo do segundo semestre de 2018, bem como participamos dos GRC 2017, 2018 e 2019. Deste modo, partimos de teorias sobre gênero e música, continuidade subcultural, das mulheres na história da música popular e do movimento Riot Grrrl (GELAIN, 2017). Também desenvolvemos um estado da arte a partir das palavras “mulheres”, “feminino”, “música” e “consumo”. Visualizamos que as mulheres do GRC compartilham suas vivências para impulsionar iniciativas que estimulem o fortalecimento de uma rede de sororidade e suas distintas sonoridades estabelecem uma nova forma de participação política e cultural. Com relação ao Estado da Arte, observamos uma ausência de trabalhos sobre mulheres e música na Comunicação.

Palavras-chave: Estado da Arte. Música. Subcultura. Mulheres. Memória.

Abstract

The article brings an exploratory research and a mapping of collectives of women used with music in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. How does the Porto Alegre Girls Rock Camp (GRC) meeting stimulate local (musical and female) scenes? Conduct a mapping throughout the second half of 2018, as well as participate in GRC 2017, 2018 and 2019. Thus, sheet music on genre and music theories, subcultural heritage, women in the history of popular music and movement Riot Grrrl (GELAIN, 2017).). We have also developed a state of the art from the words "women", "feminine", "music" and "consumption" (in Portuguese). We envision that GRC women share their experiences to drive initiatives that stimulate or strengthen a sorority network and their distinct established sounds a new form of political and cultural participation. Regarding the State of the Art, note an absence of works on women and music in Communication.

Keywords: State of the Art. Music. Subculture. Women, Memory.

¹ Uma versão deste artigo foi apresentada no GT Memória e Música durante o 15º Encontro de Música e Mídia (MusiMid), em setembro de 2019, São Paulo.

² Doutoranda no PPGCOM ESPM-SP. Bolsista CAPES. Pesquisadora nos Grupos de Pesquisa Juvenália (ESPM) e UrbeSom (UNIP). E-mail: gabrielagelain@gmail.com

Introdução

A pesquisa exploratória acerca de um mapeamento dos coletivos de mulheres envolvidas com música em Porto Alegre tem foco no acampamento de férias e vivência musical para meninas de 7 a 17 anos, o *Girls Rock Camp Porto Alegre*. A partir de vivências imersivas *insiders* (Hodkinson, 2005) na cidade, nos questionamos de que modo o encontro de mulheres do Girls Rock Camp (GRC) de Porto Alegre estimula as cenas musicais locais, principalmente com relação ao público de mulheres de tais grupos, o que pode ser compreendido a partir de estudos britânicos sobre o salto pós-adolescente na vida de pessoas adultas que identificam-se com algumas subculturas (Hodkinson, 2011), que chamamos aqui neste artigo de uma “continuidade subcultural”.

Deste modo, nossa metodologia inicia por meio de um mapeamento online, além de uma mescla de inspirações etnográficas ao longo do segundo semestre de 2018, bem como participamos do GRC durante o mês de janeiro dos anos de 2017, 2018 e 2019 (pesquisa imersiva *insider*). Esta indagação primária a ser respondida neste artigo parte de leituras sobre a questão de gênero no universo musical, a observação sobre “continuidade subcultural” (Hodkinson, 2011), a história das mulheres na música popular (Suárez, 2004) e a memória do movimento feminista dentro da cena punk intitulado *Riot Grrrl* (Gelain, 2017), que inicia nos Estados Unidos na década de 90 e explode no Brasil por volta de 1995, com o início da banda Dominatrix.

A partir do entendimento de que o campo da indústria da música é, historicamente carregado de sexismos e invisibiliza mulheres cisgênero e transgênero, desenvolvemos um estado da arte inicial para compreender qual a abrangência de trabalhos que abordam as palavras-chave “mulheres”, “feminino”, “música” e “consumo” na área da Comunicação. Realizamos esta busca a partir do uso de operadores booleanos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e no PortCom.

Qual a sua memória sobre as mulheres na música? *Girls to the Front!*

Para discorrer sobre o envolvimento das mulheres no chamado *Girls Rock Camp*, primeiramente precisamos compreender o que foi o movimento *Riot Grrrl* e sua disseminação através das mídias digitais, impressas e em espaços de sociabilidade como shows. A *Riot Grrrl* é a subcultura conhecida como o punk feminista, que surgiu no início da década de 1990, nos Estados Unidos (mais especificamente em Olympia, Washington e Washington D.C.). A escrita e a pronúncia de “grrrl” foram justamente utilizadas para fazer um contraponto a “girl”, resultando em um “rosnado”, um som de “raiva”. Fora organizada primeiramente por jovens artistas e feministas que depois integraram a cena³ punk, onde estavam cansadas de presenciar o machismo e o sexismo dentro de um movimento que, embora se proclamasse libertário, reproduzia o que elas contestavam na sociedade (GUERRA, GELAIN e BITTENCOURT, 2018). Nos shows que produziam, uma das precursoras do *Riot Grrrl*, Kathleen Hanna (vocalista do Bikini Kill) gritava: Garotas para frente! (*Girls to the front!*).

A cena *Riot Grrrl* brasileira teve um significado único para a sociedade do país. O espaço da subcultura teria sido inspirado, também, pela força do movimento de mulheres (Movimento Feminista) e da luta pelos direitos LGBT no final dos anos 80 no Brasil; e desenhado através da história da música popular como um importante meio de crítica para as pessoas jovens na época. Logo, os precursores da subcultura *Riot Grrrl* dos anos 90 e 2000 no país foram a forte cena crítica do punk brasileiro e do metal nos anos 80, além do movimento tropicália nos anos 60 (HUMMEL, 2009). De acordo com Facchini (2008), a maior parte das bandas que se intitulam *Riot Grrrls* é formada apenas por mulheres, e quando há homens integrando a banda, estes nunca aparecem em uma posição de líderes. Para ilustrar este fato, as mulheres da subcultura deixam claro que, embora um ou mais homens estejam presentes na banda, não há uma dependência em relação a eles no que tange à técnica ou à criatividade musical. Ainda que abertos para a presença de homens, os shows *riot grrrl* são, em sua maioria, frequentados por garotas.

³ “Uma das palavras mais pronunciadas pelos punks, designa o ambiente em que eles circulam. Assim, a ‘cena’ é composta pelas casas onde acontecem os shows, pelas lojas que vendem discos punks, pelas distros que distribuem material punk e, obviamente, pelos próprios punks, como na expressão ‘fulano(a) faz parte da cena’” (O’HARA, 2005, p. 185).

De acordo com Guerra (2010), foi a partir dos anos 90 (ou seja, quando a o movimento de mulheres na música *Riot Grrrl* tem início) que o conceito de “cena” começou a ser disseminado e de fato assumido nas pesquisas acadêmicas e análises sociológicas, sendo usado por antropólogos, sociólogos e geógrafos com interesse em pesquisar espaços de produção e consumo essencialmente musicais. Janotti (2012, p.2) propõe a perspectiva de que as cenas musicais são “enquadramentos sensíveis que permitem, através de disputas e negociações, afirmar territórios sonoros, ou seja, circunscrições de experiências e consumos culturais, articulados por sonoridades e pelo modo como elas circulam”.

Historicamente, as produções, composições e performances de homens cisgênero no campo da música levaram destaque com relação ao que as mulheres produziam. Assim, entre os itens destacados em pesquisas sobre a música popular e do feminismo, segundo Shuker (1999), estão os estudos a respeito da presença “feminina” na indústria fonográfica e, principalmente, sobre as práticas das musicistas e demais mulheres envolvidas com a música enquanto arte que lutaram contra as conjecturas patriarcais. Essas práticas foram analisadas a partir de seus processos comunicativos no contexto da sociedade de consumo contemporânea, como por exemplo, a partir das produtoras e/ou consumidoras de música, que colaboraram para o desenvolvimento dos modos de disseminação, ingresso e execução da música e de ideias feministas nos meios em que participaram, especialmente nas subculturas musicais (MAZER, 2017).

Já no tocante à história da música popular, as mulheres foram mais consumidoras do que produtoras musicais, e principalmente reconhecidas enquanto fãs, um público seguidor das bandas compostas por homens cis (BAYTON, 2004). Hoje, de acordo com a pesquisa do coletivo Sonora Soma (SP), a presença de artistas mulheres nos *lineups* de festivais de música ocorridos no Brasil em 2017 foi de, no máximo, 20,8% (FONSECA, 2018). Este dado revela que apesar de existirem espaços nos festivais, eles são ocupados em sua maioria por artistas homens.

Com relação à bibliografia existente, tanto nos trabalhos sobre juventude quanto nos estudos feministas, há uma lacuna no que diz respeito à participação de mulheres nas (sub)culturas juvenis e em cenas musicais. Para alguns pesquisadores da juventude, tais modos de expressão estão voltados ao consumo de produtos de grupos (*boy bands*) e isso pode ter sido um uma das razões que levaram pesquisadores a darem pouca atenção à participação feminina nas culturas juvenis (Weller, 2005). Para Weller, parte das investigações sobre preferências musicais, estéticas corporais e vestuário foram em grande parte desenvolvidas a partir de

questionários e observações com pessoas do gênero masculino. Entretanto, este é um olhar que aos poucos vem sendo ampliado, principalmente a partir de autoras que questionam essa ênfase masculinista, como McRobbie (1980, 1991), Weller (2005), Mazer (2017), Gelain (2017), entre outras.

Frith e McRobbie (2005) afirmam que, ainda que as mulheres tenham conquistado espaço no mercado de trabalho, os papéis criativos iniciados por elas apresentam-se limitados e mediados por um viés masculinista, patriarcal e sexista de homens cisgênero. Além disso, segundo os autores, algumas feministas argumentam que o estilo musical *rock* é essencialmente uma forma de expressão voltado ao público masculino, e que para as mulheres produzirem músicas não sexistas seria necessário usar sons, estruturas e estilos que não soem como o *rock*. Isso estimula uma reflexão sobre tal gênero, e a respeito de como os seus formatos e seu conteúdo podem estar vinculados a modos de dominação dos homens sob as mulheres (cis, trans e corpos dissidentes). Já na subcultura punk, Hoss Haenfler (2012) afirma que, para além da produção musical, as mulheres tiveram papéis essenciais. As ideias feministas no estilo musical punk rock abriram portas para a proliferação de uma resistência cultural das mulheres punks, que assumiram funções em bandas da Grã-Bretanha como *Siouxsie and the Banshees*, *Delta 5*, *The Catholic Girls*, *Mo-Dettes*, *Ludus*, *The Raincoats*, *Crass*, *Rip Rig and Panic*, *X-Ray Spex*, *The Adverts*, *Bodysnatchers* e *The Au Pairs*.

É necessário, portanto, entender e analisar a música como um modelo complexo de expressão que envolve na combinação de som, ritmo, letra, performance (AMARAL et. al, 2018) e imagem:

Mulheres artistas têm sido mais proeminentes no “pop” comercial e “folk” do que no “rock”, mas seu lugar em todos estes mundos tem sido predominantemente de vocalistas ao invés de instrumentistas. E onde as mulheres têm sido instrumentistas, elas tendem a ser tecladistas. Enquanto as mulheres escritoras e cantoras de “folk” têm tocado violão, a guitarra elétrica (certamente o instrumento que mais sintetiza o “rock”) foi deixada nas mãos de meninos (BAYTON, 2004, p. 270).

No entanto, sempre é preciso considerar, como Mazer (2017), que a apreciação musical se relaciona com as práticas sociais, políticas culturais e econômicas, e que este tipo de consumo tange questões materiais e imateriais, midiáticas e culturais. O consumo musical é uma forma de consumo cultural que serve não apenas para reforçar

“modelos”, mas também para manifestar resistências, expressar identidade, vínculos afetivos, produzir conteúdos, novos usos e práticas multimidiáticas, possibilidades de ação política e ativismos mesclado com o entretenimento.

Nos coletivos de mulheres na música em Porto Alegre, inferimos que se manifestam, de fato, vínculos de colaboração em prol do feminismo, de iniciativas mescladas ao *Do It Yourself*⁴, de solidariedade, mas também de dissidências (GELAIN, 2017). Hoje, a juventude experimenta transformações nas fronteiras entre produtores e consumidores nos campos da tecnologia, da música e outras formas de arte, como mudança de empregos formais e atividades mais conectadas ao que lhes importa no campo do entretenimento, das artes das técnicas e da cultura, onde os ativismos artísticos e culturais se vinculam aos sentidos políticos de suas ações (ROCHA E PEREIRA, 2017).

Coletivos de mulheres na música em Porto Alegre e o *Girls Rock Camp* gaúcho

Ao longo de 2018, constatamos uma movimentação com relação ao circuito musical de mulheres cisgênero na cena musical local da cidade de Porto Alegre. Dentro deste, mapeamos quatro grupos (coletivos) envolvidos com produção musical na capital gaúcha e procuramos observar suas interações presenciais e online, que deverão ser aprofundadas a frente no decorrer desta pesquisa. Tais coletivos praticam engajamentos feministas através de processos comunicativos que se dão presencialmente (em shows, eventos na rua) e virtualmente, via Whatsapp, Instagram e Facebook:

a) “As Batucas, Orquestra Feminina de Bateria e Percussão”: Fundado em 2015, é o primeiro grupo de percussão e bateria formado exclusivamente por mulheres em Porto Alegre. Foi idealizado por Biba Meira, considerada pelo público e pela crítica musical⁵ como uma das melhores bateristas brasileiras. Em 1987, foi escolhida pela crítica nacional, através da revista musical BIZZ, a segunda melhor instrumentista do ano. A musicista tocou com bandas como DeFalla, Wander Wildner, Edgard Scandurra,

⁴ Corporificação do espírito *punk*, ou seja, não dependa de ninguém para fazer na cena, faça você mesmo(a). DIY é uma filosofia que abarca a ideia de simplesmente “sair e fazer”, ou, como popularmente é expresso no mundo *underground*, a ideia do “Faça Você Mesmo”, ou a ética *Do It Yourself*, surgiu da necessidade de construir, de criar algo dentro do movimento *punk*. (DUNCOMBE, 1997).

⁵ <http://www.relicariodorockgaucho.com/01-06-1988/> Acesso em 20/12/19.

Justine, As Gurias, entre outros. Biba afirma que “Quis reunir o rock com o funk, o jazz com o samba, o olodum com o ijexá, o reggae com outros ritmos”. São mulheres de todas as idades, diferentes maneiras de pensar e agir, diferentes feminismos (...) A diversidade faz parte das Batucas⁶;

b) “Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só”, coletivo e bloco de carnaval feminista, formado por 80 mulheres que ensaiam e se apresentam ao longo de todo o ano :“Tocamos tambores, sopros, cordas, chocalhos, agogôs, tamborins, cantamos. Tocamos terror. Somos fortes, somos muitas. Somos uma só pois não estamos sós⁷”;

c) “Projeto Concha”, projeto idealizado no início de 2018 pela produtora Alice Castiel, a iniciativa promove todo mês shows nacionais e locais que destacam o trabalho de mulheres compositoras, e os shows acontecem na casa noturna Agulha, perto da Estação São Pedro. Além disso, este projeto vem promovendo oficinas para o público de mulheres que se interessa, em por exemplo, iluminação de palco, composição sonora;

E, por último, o coletivo que focamos no recorte deste artigo, e que parece ter impulsionado o surgimento de outros projetos musicais “femininos” em Porto Alegre:

d) “*Girls Rock Camp Porto Alegre*”: Acampamento (e coletivo) com foco na cooperação feminina para garotas de 7 a 17 anos, que teve início em Portland (EUA) em 2001. A ideia principal do GRC é que o universo da música, juntamente com as questões e discussões de gênero, sejam integrados e que, ao mesmo tempo, apontem estratégias positivas para aumentar a autoestima de garotas. O acampamento acontece desde janeiro de 2017 em Porto Alegre, sendo planejado desde o final de 2015 e é organizado por um coletivo de mulheres musicistas e simpatizantes do protagonismo feminino na música. Neste coletivo, há a defesa do feminismo interseccional, onde há a ênfase nas diferentes: raça, classe, idade, contexto social e também são aceitas garotas transexuais para integrar o acampamento. Entre as voluntárias, são aceitas mulheres cis e trans e que sejam maiores de idade.

Ao longo do mestrado, Gelain (2017) participou de reuniões do GRC, e imergiu na cena dos coletivos de mulheres na música. Através desta imersão, conheceu várias musicistas, *roadies*, técnicas de som, coordenadoras de projetos, casas de shows, diversas mulheres envolvidas com música e também feministas. Algumas reportagens

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=aEdqjPv4P7E&t=3s> Acesso em 20/09/18.

⁷ https://www.facebook.com/pg/naomexecomigoqueeuaoandoso/about/?ref=page_internal Acesso em 20/09/18.

⁸surgiram, ao longo do ano de 2017 e 2018, sobre a autonomia das mulheres na música em Porto Alegre. No entanto, começamos a questionar sobre qual feminismo elas estão falando e as práticas que o circundam, uma vez que há uma multiplicidade de identidades nos movimentos feministas. Além disso, as mulheres que integram esses coletivos possuem diferentes idades, cores, capital cultural, capital econômico.

Conseqüentemente, os encontros do GRC não são apenas acampamentos diurnos musicais, são programas que apresentam uma comunidade de mulheres que resistem ativamente a sua subordinação cultural e trabalham para promover uma mudança social. Por conseguinte, os *Girls Rock Camps* apresentam uma nova estratégia para perspectivar, às mulheres adultas, a continuidade na subcultura, uma vez que essas detêm legados, memórias e aprendizados que devem ser passados adiante.

As voluntárias dos acampamentos fundem sua motivação pessoal com o desejo de ajudar outras gerações de *riot grrrls* e estimular o envolvimento com suas cenas musicais, através de história da música das mulheres, aulas feministas e produções *Do It Yourself* (GELAIN, 2017; SCHILT e GIFFORT, 2012; GUERRA et.al, 2018). Além disso, segundo Schilt e Giffort (2012), as voluntárias nunca dizem para as garotas o que é a subcultura *Riot Grrrl*. Ao invés disso, tentam explicitar pontos interessantes e importantes sobre o feminismo, deixando-as livres para refletirem e criarem suas próprias perspectivas.

Segundo Hodkinson (2011), casos como este, em que há uma expansão de longevidade na vida das subculturas – como as mulheres que participam deste acampamento, ensinando as meninas – , oferecem um ponto de partida precioso para explicar o aumento da participação de pessoas mais velhas (20 e poucos anos) em comunidades subculturais, de música e estilo, por exemplo. Segundo o autor, é notório que há um salto pós-adolescente na vida das pessoas adultas, o que pode ocasionar um ambiente propício para uma imersão duradoura na subcultura como a *Riot Grrrl*, como a “continuidade subcultural” que pode ser percebida nas mulheres que organizam os camps no Brasil.

⁸ <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2018/03/mulheres-formam-pulsante-cena-musical-de-porto-alegre-cjf7b85w3009701phavujwf8g.html> Acesso em 20/10/18.

Estado da arte inicial: música, mulheres, feminino e consumo

Pensando o estado da arte, formulamos, ao longo do mês de Setembro de 2018, combinações de palavras com a ajuda de Operadores Booleanos ⁹para abranger os temas ligados à pesquisa exploratória neste artigo: “Música”, “Mulheres”, “Feminino” e “Consumo”. O levantamento foi realizado no repositório da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD), no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e no Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação (Portcom).

A busca com os termos "Feminino e Música" apresentou como resultado quatro trabalhos na BDBTD (de 2009 a 2013), entre eles uma tese ¹⁰que indica gênero, raça/etnicidade, sexualidade, geração e classe como categorias analíticas relevantes para construir uma teoria musical sob uma perspectiva feminista. Com relação à música, especificamente, Lühning (2009) se interessou mais por sonoridades e expressões, discursos musicais e corpóreos do que nas estruturas musicais e rítmicas. Sua tese aborda, também, representações do feminino, performances e relações de gênero e poder no culto de um terreiro.

Já na Capes, encontramos 11 dissertações e nenhuma tese na área da Comunicação (de 2002 a 2017) e apenas dois artigos no Portcom (de 2003 a 2017). Neste último, apesar dos artigos falarem em gênero relacionando-o à performance musical e à crítica do corpo das mulheres na mídia através da música, não identificamos, nas referências bibliográficas, autores que focados em discutir “gênero e feminismo”.

Quando pesquisamos por “Mulheres e Música”, encontramos oito trabalhos na BDBTD (de 1998 a 2018), entre eles uma tese ¹¹da área de Educação, de 2011, em que a

⁹ Os operadores booleanos são uma série de comandos que ajudam a refinar a busca por conteúdos específicos. Disponível em: <https://tinyurl.com/ycvuyhma> Acesso em 20/08/18.

¹⁰ LÜHNING, Angela Elisabeth. As juremeiras da nação Xambá (Olinda, PE): músicas, performances, representações de feminino e relações de gênero na jurema sagrada. Tese (Doutorado em Música) - PPGMUS, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2009. 359f.

¹¹ IGAYARA-SOUZA, Susana Cecília Almeida. Entre palcos e páginas: a produção escrita por mulheres sobre música na história da educação musical no Brasil (1907-1958). Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. 356f.

autora se propõe a analisar a produção escrita por mulheres sobre música durante a primeira metade do século XX no Brasil, com a metodologia da discussão bibliográfica, o uso de fontes documentais e análises comparativas.

No Portcom obtivemos zero resultados, e na Capes 19 trabalhos na área da Comunicação (de 2001 a 2017), entre eles duas teses, sendo que apenas uma vinculada ao tema da música. Já ao pesquisar por “Consumo e Música”, obtivemos nove resultados na BDBTD (de 1996 a 2017), incluindo duas teses nas áreas da Psicologia e da Sociologia, e uma dissertação na Comunicação¹². Na Capes, encontramos 105 trabalhos, entre eles 23 teses e 77 dissertações defendidas entre 2003 e 2018. No Portcom, localizamos 18 artigos (publicados entre 2006 a 2014) que recorrentemente abordam temáticas sobre as práticas de produção, circulação e consumo de música nos meios digitais e, ainda, sobre os negócios e alterações nos mercados da indústria fonográfica a partir do início da Internet.

No entanto, após realizarmos as buscas sentimos a necessidade de pesquisar também por “Feminismo e Música”. Foram localizados quatro trabalhos publicados de 2010 a 2017 na História, Teologia e em programas de estudos interdisciplinares) na BDBTD, entre eles duas dissertações e duas teses; e nenhum trabalho no PortCom. Na Capes o resultado da busca remeteu a três dissertações na área da Comunicação (realizadas entre 2014 a 2017): uma sobre a subcultura feminista Riot Grrrl¹³, uma sobre mulheres gamers e outra sobre feminismo e representações nos grupos de fanfarras cariocas.

Considerações finais

O *Rockn'roll* é um dos gêneros musicais onde percebemos os engajamentos feministas de mulheres na música, como no movimento punk feminista chamado Riot Grrrl nos Estados Unidos e que teve certo alcance e desenvolvimento no Brasil ao longo dos anos 90 (GUERRA, GELAIN e MOREIRA, 2017). No entanto, atualmente,

¹² ABEICHE, Daniel Pala. Comunicação e consumo de música no ciberespaço: o papel do usuário de redes sociais na distribuição e compartilhamento de músicas. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. 119 f.

¹³ GELAIN, Gabriela Cleveston. *Releituras, Transições e Dissidências da Subcultura Feminista Riot Grrrl no Brasil*. 2017. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Universidade Federal do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

compreendemos que as musicistas brasileiras parecem abrir seu repertório para outras vivências musicais, dialogando com outras mulheres em prol do alcance de uma sororidade.

A Terceira Onda do Movimento Feminista também surge em 1990, ao mesmo tempo que o Riot Grrrl explodia em São Paulo, em 1995. Deste modo, questionamos se esse grupo de mulheres feministas repensou também outras formas de engajarem-se através da música, não se restringindo a um estilo e ocupando espaços públicos como nas orquestras e batuques (a exemplo do grupo “As Batucas”), músicas de protesto, no rap e nas batalhas de rimas (como a “Batalha das Monstras”), nos festivais onde há bandas de metal extremo tocando com bandas de música folk (como o “Festival Vênus em Fúria”), todos acontecendo em Porto Alegre.

Visualizamos que dentro dos 4 coletivos analisados da cena musical de mulheres gaúchas, as musicistas (entre elas produtoras, técnicas de som, roadies, entre outras que compõem os coletivos) compartilham suas vivências para impulsionar outras iniciativas de mulheres na música e no feminismo, realizações que reconheçam e estimulem o fortalecimento de uma rede feminina com o objetivo do alcance da sororidade.

Deste modo, o *Girls Rock Camp* POA parece ser um dos coletivos que mais influência na formação de outros, além da “continuidade subcultural” que parece existir dentre as mulheres que já foram envolvidas com o movimento *Riot Grrrl* no Brasil. Na amostra da nossa observação, foram encontradas evidências de que essas mulheres desejam mostrar a outras meninas o que aprenderam, suas dificuldades e superações na memória do que é ser uma *Riot Grrrl* ou mulher envolvida com a cena musical local.

À frente disso, distintas sonoridades, ritmos e melodias parecem estabelecer uma nova forma de participação política e cultural. Percebemos distintos estilos musicais (samba, rock, folk, jazz) que se mesclam ao longo dos eventos e encontros destas mulheres, e a música é um dos instrumentos que utilizam para dar força e visibilidade a outras artistas e ao seu público feminino. Nos encontros que realizam, há também a venda de produtos como cosméticos naturais e veganos, ilustrações, brechó e estamparia de camisetas, peças artesanais, artes visuais e grafite, que remetem à prática do movimento punk chamada “Faça Você Mesmo” ou *Do It Yourself*, inspirada nas *riots* – que no Brasil, afirmam como *Faça Você Mesma* (GELAIN e BITTENCOURT, 2018).

Assim, devemos destacar o *Girls Rock Camp* Porto Alegre, evento que atrai diversas mulheres (musicistas, oficinas, ativistas) de diferentes locais e regiões do

país e busca voluntárias e auxílio para que se mantenha ativo, bem como continua a divulgar ideias feministas e de empoderamento da mulher através da música. Deste modo, o GRC POA é um acontecimento que, através das redes sociais, redes digitais e afetivas ligadas através de tecnologias, materialidades e ativismo feminista, permite a "celebração, visibilidade e participação num espaço de resistência e de luta e de afirmação e expressividade de si numa esfera de interioridade e exterioridade identitária" (Guerra et al., 2017, p.16).

Por fim, com relação ao Estado da Arte inicial realizado, no que se refere às teses e dissertações procuradas pelas palavras chave “Mulheres”, “Feminino”, “Música” e “Consumo” com a ajuda de Operadores Booleanos, apreendemos não haver muitas produções a respeito da relação entre mulheres e música na área da Comunicação. Quando o foco das pesquisas recai nessas temáticas, a produção em programas de pós-graduação como Música, Letras, Educação, História, Sociologia e Antropologia destacam-se. Esta constatação também demonstra como a falta de uma imersão empírica sobre as mulheres (cis e trans) na música ainda é presente em nosso campo e a necessidade de um olhar comunicacional para esta temática (mulheres na música) que abrange questões políticas, de entretenimento, do corpo, da arte, dos gêneros, das sexualidades, dos feminismos, de performance, da música popular, de práticas e consumos *Do It Yourself*.

Referências

AMARAL, Adriana. Autonetnografia e inserção online: O papel do "pesquisador-insider" nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. ENCONTRO DA COMPÓS, 17., São Paulo. In: **Anais...** São Paulo: Unip, 2008. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_315.pdf>. Acesso em: 20 maio 2016.

BAYTON, Mavis. Women and the electric guitar. In: FRITH, S. **Popular music: critical concepts in media and cultural studies**. London: Routledge, 2004.

DUNCOMBE, Stephen. **Notes from the underground: zines and the politics of alternative culture**. New York: Verso, 1997.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras: Mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP. 2008. 323 pgs.

FONSECA, Gracielle. **O Mada é delas: equidade de gênero em festivais brasileiros.** *festivalando*, 2018. <https://festivalando.com.br/equidade-de-genero-em-festivais-brasileiros/>. Acesso em: 3 de set. de 2018.

FRITH, Simon.; MCROBBIE, Angela. Rock and sexuality. In: FRITH, S.; GOODWIN, Andrew. **On the record: rock, pop and the written word.** New York: Taylor & Francis e-Library, 2005.

GELAIN, Gabriela Cleveston. **Releituras, transições e dissidências da Subcultura Feminista Riot Grrrl no Brasil.** Dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2017.

GELAIN, Gabriela Cleveston. LAGE, Rafael. BITTENCOURT, Luiza. Guitarraixo e protagonismo Riot Grrrl: Tecnologias digitais e sonoras na banda Ostra Brains. In: **IX Simpósio Nacional ABCiber**, 9., São Paulo. *Anais...* São Paulo: PUC-SP, 2016.

GELAIN, Gabriela Cleveston. BITTENCOURT, Luiza. **Faça você mesma! #Riot Grrrl e as estratégias de Femvertising no Instagram.** *LATITUDE*, v. 12, p. 35-59, 2018.

GUERRA, Paula Maria Tavares. **A instável leveza do Rock: Gênese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal (1980-2010).** Volume I. Dissertação de Doutorado orientada por Dr. Augusto Ernesto Santos Silva. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, 2010.

GUERRA, Paula; BITTENCOURT, Luiza; GELAIN, Gabriela Cleveston. Chapter 3 Punk Fairytale: Popular Music, Media, and the (Re) production of Gender. In: **Advances in Gender Research**, v. 1, p. 1, 2018.

GUERRA, Paula; GELAIN, Gabriela Cleveston; LAGE, Rafael; BITTENCOURT, Luiza. Tecnologias musicais, materialidades artísticas e ativismo feminino: o caso do Girls Rock Camp Porto Alegre. In: **XXVI Encontro Anual da COMPÓS**, 26., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2017. Disponível em: <https://tinyurl.com/grcpoamaterialidadesartisticas>

HODKINSON, Paul. Ageing in a spectacular 'youth culture': continuity, change and community amongst older goths. In: **The British Journal of Sociology**, London, v. 62, issue 2, 2011.

HODKINSON, Paul. "Insider Research" in the study of youth cultures. In: **Journal of Youth Studies**, v.18, p. 131-149, 2005.

HAENFLER, Ross. "More than the X's on my hands": older straight edgers and the meaning of style. In: BENNETT, A.; HODKINSON, P. (Eds.). **Ageing and youth cultures: music, style and identity.** Oxford: Berg, 2012.

HUMMEL, Calla. 'Tenho Minhas Ideias e Não Posso Ficar Calada': Riot Grrrl in Brazilian Civil Society, In: **Intersections** 10, no. 3 (2009). Pgs 69-100.

JANOTTI JR, Jeder. S. Partilhas do Comum: cenas musicais e identidades culturais. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., Fortaleza.

In: *Anais...* Fortaleza: Unifor. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1388-1.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2016.

MAZER, Dulce Helena. **Racionalidades do Consumo Musical: Práticas Culturais Juvenis na Cena Rap Porto-Alegrense**. 2017. 246 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, UFRGS, Porto Alegre.

MAZER, Dulce; GELAIN, Gabriela Cleveston; GUERRA, Paula. Eu sou MC: participação coletiva e plural de mulheres em cenas musicais Rap. In: **anais do II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais**, 2018, São Leopoldo. II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais, 2018.

OLIVIA-MELO, Camila; GELAIN, Gabriela. Zines do Oceano Atlântico: subjetivação e experiência em auto-publicações do Rio de Janeiro- Brasil. In: **Working Papers**, v. 3, p. 1, 2018.

ROCHA, Rose de Melo e PEREIRA, Simone Luci. Ativismos juvenis como artesanato de uma outra democracia: comunicação, consumo e engajamento político. In: **C&S – São Bernardo do Campo**, v. 39, n. 3, p. 161-188, set./dez. 2017.

SCHILT, Kristen.; GIFFORT, Danielle. “Strong riot women” and the continuity of feminist subcultural participation. In: BENNETT, A.; HODKINSON, P. **Ageing and youth culture: music, style and identity**. London: Berg, 2012.

SHUKER, Roy. *Vocabulário de música pop*. São Paulo: Hedra, 1999

SUÁREZ, Laura Viñuela (2004). La perspectiva de Género e la música popular: dos nuevos retos para la musicología. In: **Colección Alternativas**. Ediciones KKK. Universidade de Oviedo. 140p.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 216, jan./abr. 2005.